

CIDADE DE MÚLTIPLOS MAPAS: Espaços entre/cenas, cidade e errância

Juliana Feitosa Albuquerque¹

RESUMO

O presente texto compõe um relato de experiência que busca tecer reflexões acerca de um processo criativo vivenciado por dois grupos teatrais na capital acreana, respectivamente os grupos Beco e Aguadeiro. O projeto Cidade de Múltiplos Mapas debruçou-se a estudar, produzir e incorporar em suas narrativas cênicas a cidade enquanto dramaturgia, partindo de deslocamentos nas rotas do cotidiano do Bairro XV e arredores na cidade de Rio Branco - Acre, no ano de 2017. Dialogando com os estudos de Jacques (2012), Carreira (2019) e Ferracini (2013) o coletivo incorporou a prática de deslocamento de fluxos cotidianos como pulsão criadora do jogo cênico.

Palavras-chave: Amazônia, Cidade, Dramaturgia, Errância, Metáforas de atuação.

CITY OF MULTIPLE MAPS: Spaces between/scenes, city and wandering

ABSTRACT

This text composes an experience report that seeks to weave reflections about a creative process experienced by two theater groups in the capital of Acre, respectively the groups Beco and Aguadeiro. The city of Multiple Maps Project focused on studying, producing and incorporating the city as dramaturgy in its scenic narratives, starting from displacements in the daily routes of Bairro XV and surroundings in the city of Rio Branco-Acre, in the year 2017. With the studies of Jacques (2012); Carreira (2019) and Ferracini (2013) the collective incorporated the practice of displacing everyday flows as a creative drive of the scenic game.

Keywords: Amazon; City; Dramaturgy; Wandering; Performance metaphors.

¹ Mestre (2017) e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre. Possui Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Acre (2014). Atriz, figurinista e ilustradora. Tem experiência na área de Artes desde 2008, com ênfase em teatro, atuando principalmente com os seguintes temas: arte e cultura, história do teatro, linguagens e identidades amazônicas, estética, caracterização, performance, corpo e visualidades.

CIDADE DE MÚLTIPLOS MAPAS: Espaços entre/cenas, cidade e errância

“(…)O teatro que compreende a cidade como dramaturgia provoca um reposicionamento dos cidadãos diante do seu espaço cotidiano.”
André Carreira

O caminho reflexivo que o presente texto pretende percorrer se alinha a compreensão do fazer cênico não enquanto uma sequência em que pesquisa-ensaio-apresentação revelam seu ápice no espetáculo, entendido e cultuado através da visão canônica como a grande finalização de um processo criativo, mas toda a dinâmica que envolve desde encontros para pesquisa, ensaios, experimentos, apresentações, debates e os demais desdobramentos que possam surgir, a serem considerados de maneira equivalente.

Ressalto desde já a problemática que desencadeia os fios que conectam o que é lembrado e esquecido na construção de uma narrativa memorialística. Ciente de que escolhas subjetivas permeiam essa tecitura textual, o projeto Cidade de Múltiplos Mapas(2017) será aqui abordado a partir de documentos/monumentos (DERRIDA, 2001) pessoais e públicos, sendo eles, atravessados pelas minhas memórias, o livreto de relatos do processo, publicado durante a execução do projeto, e uma fotografia do quadro branco, instrumento metodológico de expressiva importância para o desenvolvimento dos laboratórios de cena.

As fontes serão usadas para ancorar minha reflexão acerca das errâncias enquanto a prática de deslocar fluxos cotidianos como pulsão criadora do jogo cênico, para isso a articulação será feita a partir de Jacques (2012) e André Carreira (2019). Corroborados com a categoria de metáforas de atuação, Ferracini (2013) no desenrolar das dinâmicas e envolvimento do coletivo, tendo o quadro branco como expressão visual e simbólica desse processo.

No alinhavar da narrativa pessoal que toma forma no tempo presente e nesse deslizamento se atualiza, os acontecimentos do macro refletem no micro, desse modo arrisco dizer que o ano de 2017 começava a esboçar o cenário que se vivencia hoje, no Brasil, em termos políticos. Neste ano a população brasileira presenciava um pós-golpe na presidência da república em que Dilma Rousseff devido ao impeachment veio a ser substituída por seu vice Michel Temer.

Para os artistas, angústias assumiram pautas como a ameaça de extinção do Ministério da Cultura e significativos cortes orçamentários para o setor. Obviamente, como mencionado, esse era somente o esboço, o despontar de uma onda obscurantista que dominou o país e culminou no resultado das eleições de 2018.

Na Amazônia acreana, o setor artístico se desdobrava em manter-se ativo mediante ao repasse de poucos recursos, reflexo do já conhecido projeto de distanciamento intencional da região norte ao restante do país, que se alimenta dentre outras artimanhas do apagamento e desvalorização de suas produções artísticas.

Inserido nesse cenário, o projeto Cidade de Múltiplos Mapas foi aprovado no edital de 2015/2016 do Rumos Itaú Cultural destacando-se como um dos nove projetos selecionados da região norte a receber o auxílio e o único do estado do Acre naquele específico ano.

DO PROJETO: narrativa descritiva do que veio a ser

Inserido dentro do edital na categoria de residência artística, o projeto Cidade de Múltiplos Mapas

nasceu do diálogo entre dois grupos de artistas independentes de Rio Branco. Percebendo a convergência de necessidades e expectativas para a continuidade e o aperfeiçoamento de seus

trabalhos, eles se uniram na busca de parceria para um processo de pesquisa e formação de seis meses, incluindo residências, oficinas e apresentações de espetáculos de repertório de cada grupo. (FARIAS, Quilrio. "Cidade de Múltiplos Mapas". Itaú Cultural, São Paulo, 03/02/2012 Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/cidade-de-multiplos-mapas> Acesso:26/05/2022)

A proposta principal consistia em um processo de pesquisa composto por dois coletivos teatrais, os grupos Beco e Aguadeiro, totalizando, 13 pessoas, sendo elas: Amanda Schoenmaker, Anderson Pohlen, Geovane Roger, João Alab, João Araújo, Joana Dias, Juliana Albuquerque, Lanny Souza, Maiara Pinho, Mariana Dantas, Marilua Azevedo, Quilrio Farias e Sacha Alencar.

Entre os objetivos de execução estava a inclusão de bolsa mensal aos integrantes durante o período de seis meses para priorização de estudos e experimentações. As atividades compreendiam a remontagem e apresentação de uma temporada do espetáculo Beco do Mijo (Grupo Beco); Remontagem e apresentação de uma temporada do espetáculo Indocumentados (Grupo Aguadeiro); Oficina de dança contemporânea ministrada por Jhon Gomes (do Acre); Oficina de Iluminação técnica ministrada por Luiz Rabicó e Magrão (ambos do Acre) e oficina de Iluminação alternativa ministrada por Claudeney Alves (do Acre); Oficina o Corpo e o Espaço ministrada por Diego Batista Gama (do Amazonas).

Além das oficinas previstas com instrutores de fora do coletivo, foram também executados laboratórios envolvendo corpo, texto e música, guiados pelo repertório dos participantes, como a exemplo "Experiências Poéticas" com Quilrio Farias, "A música e seu recurso dramaturgico" com Maiara Pinho, "Respiração e voz: percepção viva de si, do outro e do espaço" com Amanda Schoenmaker.

Somando-se às apresentações dos espetáculos abertas à comunidade, o projeto também contou com a produção e veiculação, através de mídias digitais, de um **produto audiovisual** com entrevistas de colaboradores que além de exercerem fundamental importância para a pesquisa, também estabeleceram um forte vínculo afetivo com o coletivo, em sua grande maioria pessoas que conhecemos durante os exercícios de deriva, e por último um **livreto** de registro coletivos e pessoais dos processos criativos de ambos os grupos.

Foi também custeado o aluguel de um espaço, no calçadão da Gameleira, espaço histórico da cidade, localizado à margem do rio Acre. A sede situava-se na entrada do Beco do Mijo, local que leva o nome do conto homônimo de Florentina Esteves, uma das mais reconhecidas escritoras acreanas. Em 2013 um estudo que transformou este conto em drama cênico, serviu de fagulha para a formação de um dos grupos desse projeto, o grupo Beco.

Além disso, a pesquisa do grupo Aguadeiro entre outras coisas voltava-se para questões migratórias, embates institucionais e relações interculturais. Nesse sentido, a Gameleira, que historicamente foi constituída a partir de movimentos migratórios desde o início do processo de ocupação do estado, apontava para uma expressiva possibilidade de pesquisa de campo.

Essa rota espacial apresentava um imaginário repleto de subjetividades para ambos os trabalhos. Portanto sua escolha não se deu de forma aleatória, sentia-se a necessidade não de desenvolver uma pesquisa inserida em uma lógica "etnoteatral", e menos ainda em buscar traços cristalizados de uma verossimilhança com o passado, mas vivenciar as possibilidades de sentir e compor com os atravessamentos presentes na arquitetura, nas pessoas, no jogo cênico, na vida cotidiana e nos movimentos que aqueles determinados espaços e tempos poderiam instigar.

Na busca por uma bibliografia que guiasse o diálogo com os atravessamentos do corpo do ator em sua relação com a cidade, o livro Teatro de Invasão do espaço urbano: A cidade como dramaturgia (2019), de

André Carreira e Elogio aos Errantes (2012) de Paola Berestein Jacques instigaram diálogos com os arredores do local.

Desse modo, a centralidade dos estudos cênicos desenvolvidos durante o projeto encontrou na relação entre as práticas de errâncias e derivas inspiração para o fazer e o saber fazer na criação e composição dos exercícios cênicos desse coletivo de artistas.

AS DERIVAS: Em estado de Rua

Durante os seis meses de execução do projeto foram experienciadas, a partir de diferentes estímulos, práticas de errâncias, derivas e deambulações. Paola Jacques (2012) divide o histórico das errâncias/derivadas em três momentos, o primeiro sendo o período das flanêries, ou flanâncias em que é retomada a figura do flâneur de Baudelaire, em meados e final do século XIX até início do século XX. O segundo, período das deambulações entre 1910-30, parte das ações do surrealismo e do dadaísmo, e por último, o período das derivadas, incorporadas na crítica ao urbanismo moderno nos anos 1950-70.

Influenciados pelas dinâmicas dessas três fases apresentadas por Jacques, as vivências do Cidade de Múltiplos Mapas estavam baseadas em exercícios de busca labiríntica, que eram impulsionados a partir do comando inicial de andar sem preestabelecer uma rota ou percurso, sempre na perspectiva de ter um direcionamento do olhar para detalhes, rotas, texturas ainda não percebidas, um aguçamento do olhar para o desconhecido mesmo que os caminhos fossem muitas vezes o que se fazia diariamente no trajeto até a sede.

Nosso ponto de partida para a prática era o Beco do Mijo, a sede dos grupos da Gameleira. De lá, partimos sozinhos ou acompanhados uns dos outros, em uma trajetória livre de intenção, era apenas caminhar pela cidade, errar. Estar atento às texturas, paleta de cores, paisagens sonoras, fluxos, linhas de arquitetura, fluxos. Discutimos propostas e conceitos para que, na rua, fossem flexibilizados, substituídos ou explodidos. O que era o exercício, ganhou outra interpretação aos olhos de cada integrante." (LIVRETO, **Cidade de Múltiplos Mapas**. p. 29. Rio Branco, 01 dez. 2017. Disponível em: https://issuu.com/patronummm/docs/livreto_diagramado__espelhado__ - 24 Acesso:27/05/2022)

Esses exercícios levantaram ao grupo questões diversas no que diz respeito à produção e manutenção de estereótipos, as narrativas hegemônicas, o conceito de fronteira, o estranhamento de corpos cênicos invadindo a cena cotidiana, os códigos comportamentais e principalmente as tensões apresentadas na relação de dualidade entre o eu e o outro.

A prática, estimulada pelas dinâmicas de desorientação, lentidão e incorporação, instigava um deslocamento desses corpos em relação ao espaço da cidade, havendo um constante objetivo de atingir o chamado estado de rua. Esse estado de rua seria um nível de consciência porosa em relação às andanças pela cidade, corpos e mentes deveriam manter-se atentos, buscando uma experiência com a cidade menos racional e mecanizada.

A possibilidade de atingir este estado de rua, operava no campo da intenção, um estudo de refinamento a partir de uma lógica que visa o rompimento lógico. A proposição de uma antidisciplina (Certeau 2011) encontrada no perder-se no espaço certamente não é possível de ser reproduzida somente por comandos. Contudo, "o foco dos errantes não é exatamente o andar em si, mas o estado em que eles se colocam ao andar sem rumo, pelos percursos indeterminados, um estado de corpo errante." (Jacques, 2012, p.271).

As derivas foram vivenciadas nos bairros Seis de Agosto, Cidade Nova, Quinze e arredores de uma regional conhecida como Segundo Distrito da cidade, construída às margens do Rio Acre e que por isso em determinadas épocas do ano convive com as alagações provocadas pela cheia do rio.

Há uma expressiva concentração de pessoas pobres e de vulnerabilidade social, mendigos, prostitutas, loucos, catadores e bêbados. Historicamente trata-se de uma região boêmia, e hoje marginalizada da cidade, composta por sujeitos e sujeitas que erráticos, desordenam a perspectiva urbanizada

(...)são precisamente esses outros urbanos radicais alguns dos principais personagens das narrativas errantes, pois seria precisamente essa possibilidade de experiência da alteridade urbana nos espaços banais que os errantes urbanos buscariam em suas errâncias pelas cidades. (JACQUES, 2012, p.16)

O discurso que institui a cidade se faz pela delimitação, pelo ordenamento de corpos, instituição de monumentos, de espaços de convivência, incluindo e excluindo os chamados praticantes ordinários do espaço

O princípio institucional ordenador propõe uma lógica segundo a qual os espaços devem ser limpos, "organizados" e preservados, para respeitar a imagem da cidade. Esse ordenamento, no entanto, não é generalizado para todas as zonas da cidade, senão que se rege por uma hierarquia que privilegia a ocupação dos espaços pelas classes sociais. (CARREIRA, 2019, p.44)

O discurso urbanístico fundador, por mais disciplinador que seja, não consegue impedir que intervenções produzidas por seres que se propõem a enfrentar o ordenamento da cidade passem a criar rotas, atalhos e sentidos outros que atravessam os caminhos institucionalmente estabelecidos.

Nesse caso, os artistas, de maneira geral, que atuam no espaço urbano, com seus corpos, gestos, falas e vestimentas transfiguram e transcriam a ordem pública, produzindo esses descaminhos a partir de uma ferramenta de ludicidade, o jogo

O elemento fundamental será sempre a exploração do potencial de deslocamento das regras do cotidiano, e o convite à prevalência da experiência lúdica no espaço de convivência pública sobre as regras racionalistas do funcionalismo. (CARREIRA, 2019, P.78)

As errâncias do grupo, dividiam-se em dois tipos, errâncias individuais e coletivas. De início o deambular pela cidade não pressupunha uma performatividade cênica intencional, apesar de haver momentos em que os espaços urbanos eram utilizados para exercícios de cena, as andanças em princípio não continham esse objetivo.

Contudo, após algumas experiências foi possível perceber que independente da intencionalidade, o exercício em si já ocupava o campo da performatização, devido tanto ao número de pessoas, quanto o fato de que nossas fisionomias e vestimentas em geral destoavam, e pelo próprio exercício em si evocar no contrafluxo do cotidiano, um corpo outro, um corpo em estado de rua.

Essa foi uma das questões mais debatidas pelo coletivo, o estranhamento que o simples exercício de andar pela cidade poderia provocar. Muitas dessas questões foram traduzidas em palavras e movimentos e incorporadas durante os exercícios pós deriva.

METÁFORAS DO TRABALHO: o quadro branco em descontínuo

As experimentações e métodos de criação dos jogos pós derivas, serão aqui articuladas a partir das

metáforas de trabalho, categoria elaborada por Renato Ferracini no livro “Ensaio de atuação” (2013). Trata-se de uma linguagem comum, inteligível somente a um grupo em ação posto que pressupõe uma convivência, um estabelecimento de relação entre pessoas em comum, uma espécie de dialeto específico que surge daquele momento de trabalho a partir daquelas específicas pessoas.

Essas metáforas podem ser imagens, ideias, ações, comandos verbais, substantivos metafóricos que auxiliam o atador em um trabalho prático específico ou a adentrar em algum estado específico. (FERRACINI, 2013, p.39)

Uma prática diretamente ligada ao campo da linguagem, da relação signo/significado. A construção desse dialeto íntimo e particular possui grande capacidade de influência no *modus operandi* de um específico grupo que por muitas vezes após o encerramento do trabalho se desfaz e finda-se.

Esse dialeto induz o grupo a entrar em uma zona de experimentação comum, uma atmosfera, um espaço entre representação e a decodificação tanto de quem vê, como de quem faz. Ferracini diz

Longe de serem consideradas possíveis ingenuidades conceituais utilizadas pelos artistas e/ou grupos, são quase ações-imagens-conceito que sugerem uma experiência prática de trabalho e de entrada em zonas de potência. (2013, p.40)

Essas zonas de potência produzidas por ações-imagem-conceito, além da linguagem oral como via de diálogo, envolvem símbolos, tanto palavras escritas na língua portuguesa em sua norma padrão e literal, quanto cacoetes, gírias e até mesmo desenhos e rabiscos que operam no nível da comunicação gerada pelo grupo durante o processo cênico. A figura abaixo traz a imagem do quadro branco, instrumento que foi incorporado em uma primeira instância como uma espécie de registros da chuva de ideias pós experimentações da rua e que foi direcionando outros estímulos durante seu uso

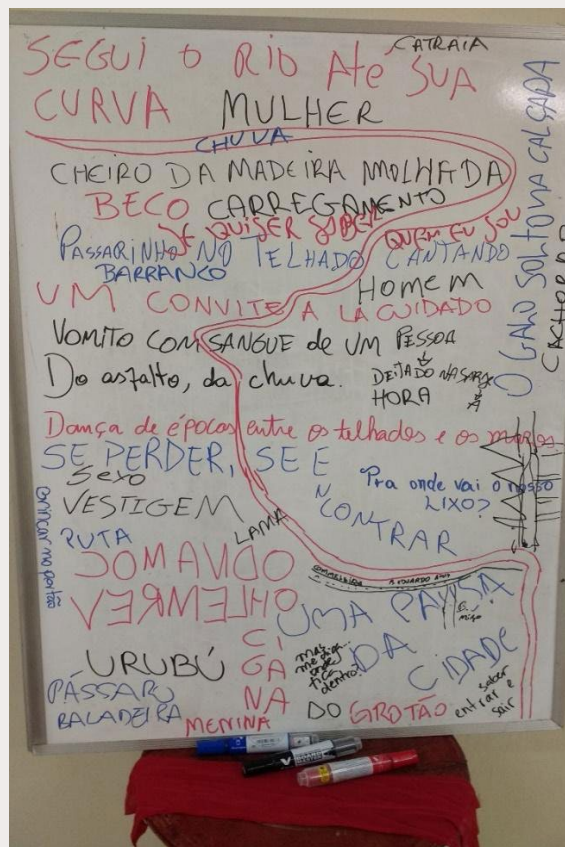


Figura 1 - O quadro branco.
Fonte: Acervo pessoal. 2017

Na Figura 1 é possível destacar frases em que o sentido é inteligível como também concentra palavras soltas, escritas ao contrário, espelhadas, de cabeça para baixo, rabiscos que se conectam com palavras formando uma rede de comandos, portanto uma rede comunicacional. O quadro branco foi regido pelo descontínuo da linguagem, em sua forma e ação visto que os registros se modificavam continuamente.

Ao final das derivas o grupo reunia-se em roda para compartilhamento de experiências, em seguida direcionava-se para o quadro branco, essa lousa de pincel no qual eram inseridas palavras-chave sobre as derivas coletivas e individuais. As palavras serviam de comandos ou pontos de partida para o próximo passo: as improvisações. Além do quadro, havia várias folhas de papel com escrituras, desenhos, planta de lugares, rotas grafadas de derivas, dispostos pelas paredes para serem vistos, tanto por quem passava pelo beco e pelo galpão, mas principalmente pelos componentes dos grupos.

Portanto esse dialeto que não só era verbalizado entre o coletivo, mas também se materializava em símbolos escritos produzidos no compartilhamento de relatos, imagens e frases a serem decodificados em som e movimento eram transportados para o quadro branco, em seguida para o trabalho de cena.

Nesse movimento de desconexão e mobilidade, frases absorvidas do cotidiano como “Olha o picolé” ou expressões de transeuntes que se deparavam com algum momento de experimentação e interagem verbalmente, como por exemplo “O que que é isso?” acabaram entrando nas improvisações e mais tarde também foram sendo incorporados aos espetáculos.

Essas cartografias de experimentações que partiam das derivas para serem traduzidas em símbolos fixadas no quadro, tinham como limiar da dança entre conexão e descontinuidade, o espaço cênico. A rua, o beco, a Gameleira e o Galpão, serviam de palco para improvisações que não necessariamente possuíam relação direta com os espetáculos, mas elaboravam um repertório de criação do grupo.

INTERCAMBIANDO CONSIDERAÇÕES

As práticas de espaços produzidas nas zonas de experimentação de atores, atrizes, oficinairos e demais pessoas que compuseram o processo criativo do projeto Cidade de Múltiplos Mapas, evocavam possibilidades de diálogos entre os seres humanos, transeuntes, moradores e também não humanos, as copas das árvores, cipós, rio, barranco, cachorros, pássaros, gatos, insetos, a chuva, o sol e o vento assim como casas, bares, prédios, cimento, madeira, borracha, plástico, metal, arames farpados que transitavam, atravessavam e coexistiam.

O deambular pela cidade foi constituindo a ludicidade do jogo cênico em metáforas de atuação as quais Renato Ferracini apresenta enquanto um dialeto do trabalho criativo. Pensando no significado da palavra metáfora, enquanto essa emblemática figura de linguagem que transporta o sentido das coisas ditas através de palavras outras, o quadro branco foi uma tentativa de traduzir os caminhos percorridos descontínuamente durante as derivas.

A centralidade no estudo de Paola Jacques que, tecendo em conjunto a Derrida, Benjamin, Certeau e Deleuze/Guatarri um elogio aos errantes, conclui no corpo sem órgãos, a proposição de uma lógica antidisciplinar. Proposição que nesse processo artístico apresentado, impulsionou a vontade de não se deixar adormecer, no sentido de dormência e apatia, mas se deixar afetar pelas experiências na vida urbana mesmo que urbanizada.

E nesse afetar, compreender a cidade que dramaturgicamente é escrita por corpos cênicos que, nos dizeres de André Carreira invadem, atravessam, leem, escrevem e reescrevem territórios. O ator, em Carreira, ciente de ser um invasor, mesmo que momentaneamente, rompe o ordenamento cotidiano e promove deslocamentos de fluxos.

O projeto Cidade de Múltiplos Mapas almejava trilhar na reflexão da experiência de alteridade com o espaço urbano através do jogo cênico, não acredito que o papel que me cabe aqui seja o de fazer um encerramento no sentido de atribuir juízo de valores, nem quantitativos quiçá qualitativos ao refletir se essa meta, de fato, foi ou não alcançada, certamente que se lançada a pergunta para cada integrante do coletivo, ter-se-iam múltiplas respostas.

REFERÊNCIAS

CARREIRA, A. **Teatro de Invasão do espaço urbano: A cidade como dramaturgia** - EDITORA. Hucitec; 1ª Edição. 2019

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

LIVRETO, **Cidade de Múltiplos Mapas**. Rio Branco, 01 dez. 2017. Disponível em: https://issuu.com/patronummm/docs/livreto_diagramado__espelhado__-__24 Acesso:27/05/2022

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FARIAS, Quilrio. **Cidade de Múltiplos Mapas**. Itaú Cultural. São Paulo, 03 fev. 2017 Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/cidade-de-multiplos-mapas> Acesso:26/05/2022

FERRACINI, R. **Ensaio de atuação**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2013.

ITAÚ CULTURAL. **Lista de selecionados Rumos 2015-2016**. São Paulo, 09 mai. 2016. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/lista-de-selecionados-rumos-2015-2016> Acesso: 03/05/2022

JACQUES, P.B. **Elogio aos errantes** - Salvador: EDUFBA, 2012.

RODRIGUES, Alex. **"Cultura terá de rever prioridades para se adequar a corte de verbas", diz Freire**. Agência Brasil. Brasília, 11 abr. 2017. Disponível: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-04/cultura-tera-de-rever-prioridades-para-se-adequar-corte-de-verbas-diz-freire> Acesso em: 03/05/2022